OVNIs

CRONOLOGIA DOS APARECIMENTOS E DA TECNOLOGIA DOS OVNIs

EM BUSCA DA

VERDADE

R$ 4,90

APRESENTAÇÃO

Fazer uma obra sobre OVNIs é um exercício perigoso, como equilibrar-se no fio da navalha, a linha que divide a realidade dos embustes e misticismos.

Os relatos de como são outros mundos, origem dos visitantes, na maioria, não passam de engenhosas invenções, como a teoria dos Ummitas, que nos fornece como provas narrativas "coerentes", símbolos e até uma linguagem própria... ora, há mais de cinqüenta anos Tarzan, o rei dos macacos, vivia em um mundo próprio, com símbolos, histórias coerentes, e até um vocabulário extenso - tudo criação da mente de Edgar Rice Burroughs!

Ainda hoje, qualquer jovem que se divirta com jogos computadorizados conhece "n" mundos, "n" línguas, "n" símbolos, nada mais que a criação de mentes imaginosas. Os casos de contatos telepáticos, abduções e viagens a bordo de naves alienígenas, na quase totalidade, não passam de manifestações de cérebros criativos a serviço de um moderno misticismo.

Isso não invalida a existência dos OVNIs. Este livro aponta evidências indiscutíveis de sua presença no mundo antigo, sua evolução tecnológica, preferindo ater-se, nos relatos atuais, àqueles que foram exaustivamente analisados e admitidos como reais.

Por exemplo, o caso irrefutável de Lonnie Zamora, patrulheiro de Socorro, no Novo México. Todas as provas indicam que alguma coisa, pesando mais de uma tonelada, deixou marcas de trens de pouso no local indicado por Lonnie.

Jimmy Carter e Ronald Reagan (ex-presidentes dos E.U.A), a maioria dos astronautas, todas estas pessoas insuspeitas, afirmam ter avistado OVNIs. Tratando-se de mentes racionais, gente que não procura propaganda a qualquer custo, as notícias ficaram no limite da realidade.

Infelizmente, quando o avistamento é feito por pessoas mentalmente desestruturadas, tão logo cesse a curiosidade popular que as torna repentinamente famosas, "inventam" novos contatos por uma destas razões:

1) o desejo de se manterem famosos, escrevendo livros bem pagos dando palestras que lhes rendem milhares de dólares;

2) desestruturação de suas mentes depois de um avistamento, que entra em choque com seus conceitos religiosos, produzindo-se a partir daí visões e delírios, telepatias, empurrando estas pessoas para um complicado mundo virtual e místico.

Oportunistas logo se apresentam como recebedores de mensagens telepáticas, guindados à condição de "sacerdotes" do novo credo, escrevem livros, ganham dinheiro e se tornam famosos na esteira de um avistamento.

Vamos pois, tentar uma caminhada sobre o fio da navalha, analisando com lógica os fatos que nos foram apresentados.

Os autores.

PARTE I

CRONOLOGIA DA PASSAGEM DOS OVNIs PELO PLANETA TERRA

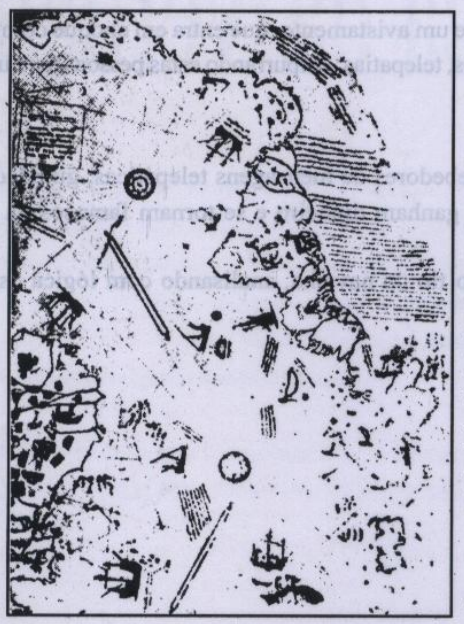
Capítulo 1 - OVNIS NA PRÉ - HISTÓRIA

A) 11.000 a. C. - A Terra Colonizada Por Visitantes.

EVIDÊNCIAS

1 - Os mapas do almirante turco Piri Reis, desenhados acima da superfície da Terra, com anotações exatas quanto à longitude e latitude em uma época em que se desconhecia estes cálculos, contribuem para aumentar, ainda mais, as especulações. Como explicar as regiões árticas e antárticas diferentes do que conhecemos atualmente? As indicações mostram as regiões polares, exatamente, conforme estavam à mostra antes de se tornarem densos blocos de gelo, o que aconteceu entre 6. 000 e 15. 000 anos atrás.

Uma curiosidade: para elaborar o antigo original de Piri Reis, os estudiosos precisariam de uma equipe coordenada fazendo levantamento cartográfico aéreo. Mas quem há 10.000 anos atrás teria aviões e serviços geográficos, capazes de fornecer mapas, com extrema exatidão do planeta?



Este mapa mostrando as Américas e o Oeste da África é parte dos mapas do almirante turco Piri Reis, e foi encontrado no museu de Topkapi, Istambul. A região Antártica, representada na parte inferior do mapa corresponde à massa de terra, há muito encoberta com a espessa camada de gelo que se formou sobre este continente. Este mapa, certamente, foi feito antes da região ser congelada.

Cartógrafos se apropriaram do material de Piri Reis, para fins de estudo e, valendo-se disso transferiram os dados do mapa para um globo moderno(fig. ao lado). O resultado foi excepcional: é o próprio mapa-múndi utilizado pela Força Aérea Americana.

2 - Nas Estâncias de Dizan, um conjunto de antiqüíssimas lendas orientais, repassadas oralmente por nossos ancestrais até o surgimento da escrita, relata a vinda de homens do espaço à Terra. O livro tem pelo menos 3. 000 anos de idade, porém os fatos nele descritos contam mais de 10. 000 anos.

Segundo uma das passagens deste livro, um grupo de entes celestes veio à Terra há muitos milhares de anos atrás num barco de metal. Estabeleceram-se aqui e eram reverenciados pelos homens entre os quais viviam. Com o tempo, porém, surgiram rixas entre eles, e um determinado grupo separou-se e foi para uma outra cidade levando mulheres e filhos.

A separação aborreceu o governante da cidade original, que reuniu um grupo de homens e

rumo à cidade do inimigo. Ainda distante, lançou contra ela um dardo flamejante que voava emitindo o rugido de um trovão. Quando atingiu a cidade inimiga, transformou-a em uma imensa bola de fogo, que se elevou aos céus. Todos os que estavam lá pereceram horrivelmente queimados, e os que estavam fora da cidade, mas em suas proximidades, também morreram. Os que olharam para a bola de fogo ficaram cegos para sempre. Aqueles que mais tarde entraram a pé na cidade adoeceram e morreram. Até a poeira que cobria a cidade ficou envenenada, bem como seus rios. Ninguém mais se aventurou a voltar lá. Os escombros acabaram destruídos pelo tempo e esquecidos pelos homens.

Culpando-se pelo que havia feito contra sua própria gente. O chefe enclausurou-se em seu palácio, recusando-se a receber quem quer que fosse. Dias depois reuniu os homens que ainda lhe sobravam, juntamente com suas mulheres e filhos, e embarcaram todos em navios aéreos e, um a um, afastaram-se da Terra para não mais voltar.

COMENTÁRIO

Naquela época os homens eram classificados como do tipo Mesolítico. Viviam em pequenos grupos e eram nômades, ou seja, caçavam, pescavam e comiam dos alimentos que a natureza oferecia, mas, quando os alimentos tornavam-se escassos, partiam para outra região em que pudessem encontrar fartura, por isso eram chamados nômades; abrigavam-se em cavernas ou saliências rochosas e tinham inteligência comparada a dos animais.

Pode-se dizer que os homens encontravam-se em um período de trevas, eram limitados à lei da sobrevivência. Sabiam preservar o fogo que surgia, por ventura com a caída de um raio, porém, a àrdua tarefa de produzir fogo era privilégio de alguns poucos homens. Quanto a isso existe uma passagem interessante nos anais da história: "após trinta anos preservando o fogo que existia, ele se extingue. O povo então, desesperado, recorre ao velhinho da aldeia para que este lhes ensine a difícil técnica. Para acender a chama com a brasinha que se formava devido ao atrito das pedras, levava, muitas vezes, um dia inteiro. O fogo era utilizado para espantar os animais que os ameaçavam; se alimentavam do que viam pela frente e quase nada faziam em prol de sua evolução. A expressão "Bebiam água com os animais", citada por Erich Von Däniken, reflete bem a semelhança que figurava entre ambos na época.

O desenvolvimento da inteligência humana só aconteceu quando estes estranhos seres vindos do espaço passaram a habitar na Terra. Eles criaram colônias, chegando até mesmo a usarem os nativos como escravos, "conheceram" as mulheres e com elas procriaram, promovendo a miscigenação das raças. Ainda no campo das tentativas, eles chegaram a fazer mutações genéticas com os humanos, dando início a um ciclo de aberrações: seres que tinham quatro braços, duas cabeças, ou ainda, tinham metade do corpo de um animal e a outra metade de um homem. Estes seres incomuns são citados com freqüência na literatura e pintura indiana.

Pintura indiana, inspirada pelas lendas que ouviam de seus ancestrais.

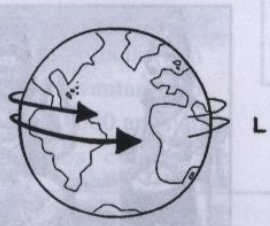
Os cereais não são alimentos terrestres, principalmente o trigo. O arroz e o milho ainda são encontrados em suas formas primitivas, silvestres, porém o trigo jamais teve raízes no planeta Terra, a não ser a partir da chegada *dos visitantes.* Eles visitaram vários núcleos (aldeias) em que os homens viviam como bárbaros, levando cereais e conhecimentos. Somente o cultivo de cereais fez o homem fixar morada e, conseqüentemente progredir.

B) 10 000 a. C. - A Grande Catástrofe.

EVIDÊNCIAS

A Terra girando, normalmente antes do cataclismo.

O cometa se choca contra a Terra em uma posição, quase que diagonal, invertendo sua rotação.



A inversão causa uma série de catástrofes, dizimando cidades e civilizações inteiras. A Terra fica por milhares de anos quase desabitada.

1 - As marcas do cataclismo ainda são visíveis. Nos Andes, onde ficam as ruínas de Tiahuanaco, existem vestígios que, segundo pesquisadores, seriam de cidades civilizadas pelos atlantes. Estas ruínas, incluem casas, templos, ruas, monumentos e um poderoso porto marítimo que estão hoje a 3. 000 metros de altitude, devido a uma brusca elevação dos Andes, evidências que comprovam que tudo aquilo já esteve, algum dia, ao nível do mar. Na porta do Templo do Sol, uma das mais grandiosas construções desta cidade, foram encontrados hieróglifos mostrando a posição do Sol no céu na época de sua construção. Este dado permitiu que os astrônomos pudessem calcular a data da catástrofe: aproximadamente 9. 500 a.C., que coincide com o afundamento e destruição de Atlântida.

2 - Outro fato, que evidencia o avanço do mar sobre a terra, aconteceu quando o fazendeiro e arqueólogo amador, Ernesto Franco, descobriu em sua fazenda, La Esmeralda, no Equador, estranhos túmulos pré-históricos. Desde então, ele começou um trabalho de procura e escavação; os resultados eram cada vez mais promissores à medida em que se aproximavam do mar. Chegou à praia e resolveu continuar, contratando mergulhadores para prosseguir sob as águas. O resultado foi extraordinário, recolheram numerosas peças, dentre elas, estavam várias estatuetas e objetos que lembram os nossos sinetes ou carimbos, todas contendo inscrições semelhantes a hieróglifos. As peças foram analisadas por arqueólogos locais e franceses, que lhes deram idades aproximadas de 20. 000 anos. Ainda que eles tenham errado por milhares de anos, as antigüidades servem como prova de que houve na América, onde hoje é o Equador, uma civilização antiquíssima com evolução igual ou superior a nossa.

COMENTÁRIO

Não há prova nenhuma da queda de um asteróide no Atlântico Norte. Também, parece improvável que um choque capaz de alterar a rotação de um planeta não o destrua por completo. A suposição mais lógica é de que um grande cometa passou próximo ao planeta, deslocando-lhe o eixo o que já teria sido catastrófico.

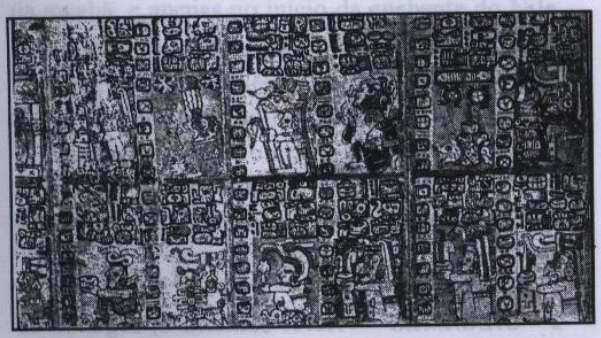
C) De 8 000 à 5 000 a.C

1 - Depois da passagem do cometa (há uns 8 000 anos a. C.), a Terra ficou por milhares de anos quase desabitada. Sua atração provocou perturbações na órbita, na inclinação e na rotação, o que causou o transbordamento dos rios, uma enchente sem precedentes chamada na Bíblia de "Dilúvio universal". A propósito, uma alteração de um único grau na inclinação do eixo da Terra causa marés no magma pastoso interno que reflete na crosta externa,

provocando erupções vulcânicas. Estas por sua vez, arremessam à estratosfera grandes quantidades de vapor, fumo e poeira "escurecendo o Sol", tal como contam as lendas antigas. Quando os gases esfriam levados por correntes aéreas, em direção aos pólos, descem provocando furacões gelados. Isso explicaria porque os mamutes da Sibéria e os mastodontes do Alasca congelaram instantaneamente. Antes da catástrofe, porém, a maioria dos extraterrenos deixou o planeta, apenas alguns ficaram e ajudaram na reconstrução. Começando assim, a evolução lenta das civilizações com os sumérios, babilônicos, etíopes e egípcios.

Mas, as marés provocadas dentro do magma não influenciou apenas a ira dos vulcões. A crosta da Terra - que mede entre 15 e 80 quilômetros de espessura - rachou, afundou cerca de 3. 000 metros e esticou. Todos estes distúrbios juntos fizeram com que algumas regiões se elevassem (devido ao estouro dos vulcões) como ocorreu nos Andes, porém outras regiões afundaram (Atlântida) e com o esticamento os continentes estão cada vez mais afastados (como na Califórnia, onde o Grand Canyon se alarga ano após ano).

2 - Alguns estudiosos acreditam que o asteróide, que media em torno de 10.000 metros de diâmetro, caiu no sudoeste do Atlântico causando um impacto comparado ao de 3.000 bombas de hidrogênio. A catástrofe marcou ainda o início do calendário maia - 5 de junho de 8.498 a. C. -. Segundo alguns astrônomos, nesse dia a Lua e o Sol estavam alinhados com Vênus. A atração gravitacional da Lua e de Vênus acabaram desviando o cometa de sua órbita, lançando-o contra o planeta Terra. Hipótese viável, se a queda de um asteróide, respeitando determinadas posições, fosse capaz de inverter o eixo terrestre.



Este manuscrito, escrito em caracteres pictográficos, relata a completa aniquilação de dois países, um milênio antes. Segundo o manuscrito esses países seriam abalados por violentos tremores de terra, antes de "desaparecer subitamente na noite", levando consigo 64 milhões de pessoas.

O calendário maia determina todos os eclipses lunares e do Sol até o ano 2.000 d. C., que representa o fim da Era de Peixes. Os maias pareciam ter o dom de descobrir o futuro como relata o manuscrito abaixo, decifrado em 1869.

Os povos pré colombianos, astecas, maias e incas, possuíam conhecimentos profundos de astronomia que, até os dias de hoje, cientistas tentam entender como eles os descobriram. Seria herança dos atlantes, ou conhecimentos legados por visitantes do espaço? A dúvida paira porque fica difícil de entender quais os recursos e com que intuição conseguiam desenhar os astros em suas posições exatas.

Os maias cultuavam um "deus branco", Kukulkan, que teria descido do céu com uma máquina voadora para ensiná-los o segredo de voar. Este deus, segundo as lendas, pilota uma máquina idêntica aos nossos aviões atuais. Como ainda é difícil decifrar o alfabeto maia, não é possível saber o que rodeia a imagem, mas estudiosos já deixaram claro que trata-se de um engenho a motor que queima ar, portanto não poderia voar no espaço. Entretanto, também está acima de tudo que os maias e incas conheciam na época sobre o vôo.

As pirâmides, a troco de quê foram construídas? Qual a finalidade de se construir monumentos tão grandiosos? Seriam as pirâmides imensos livros detentores de conhecimentos? Uma construção feita com blocos de até 15 toneladas. Tamanho peso, já fez surgir suposições de que os egípcios conheciam a técnica da levitação, e era o que faziam com os blocos de pedra. Mas qual era o sentido disso tudo, ou qual o legado que esse povo

pretendia nos deixar? Perguntas como estas povoam os pensamentos dos mais sábios e estudiosos homens, todos os dias, porque nada se explica a não ser por meio de seres, cujos níveis de inteligência estivessem situados muito acima da população da época.

COMENTÁRIO

1 - Como pôde ser visto, anteriormente, em todas as lendas, repassadas pelos povos antigos, dizem que as estrelas são habitadas e que os *"deuses"* desciam à Terra vindos da constelação em naves de fogo ou barcos no céu, possuíam armas e prometiam, a alguns poucos homens, a imortalidade. A Índia antiga possui um poema épico mais volumoso que a Bíblia, e com idade mínima de uns 5. 000 anos, que relata feitos que até a própria imaginação do poeta necessitaria de um ponto de partida *para voar tão alto.* A tradução feita na Inglaterra em 1891, por N. Dutt, diz: "Mal podemos admirar-nos ainda, quando, no Ramaiana, ficamos sabendo que as *vimanas* (máquinas voadoras), por meio de mercúrio e forte vento propulsor, teriam navegado a grandes alturas. As vimanas podiam vencer distâncias infinitas, mover-se de baixo para cima, de cima para baixo, e de trás para diante. Veículos espaciais com uma dirigibilidade de causar inveja!"

2 - Qualquer que seja a causa, uma catástrofe ocorreu na terra após "alguém tê-la fotografado do espaço, com o Polo Sul ainda não todo coberto de gelo, originando o futuro mapa de Piri Reis. Depois dessa "fotografia", houve mudança no eixo do planeta, havendo séculos de inundações, terremotos e períodos de escuridão causados pela fuligem de milhares de vulcões.

Apesar das controvérsias, as provas são por demais evidentes de que houve um cataclismo por volta de 10. 000 a. C., quando uma civilização poderosa, surgida como do nada, vivia em alguma parte que veio a submergir.

As provas são os pontos nos Andes, a 3. 000 metros de altura, as referências no calendário maia e as inscrições na Porta do sol, em Tiahuanaco (no Peru, no topo dos Andes). O arquipélago dos Açores, com sua terra e ecossistemas idênticos aos da América, indica que tais ilhas são os cumes das montanhas da Atlântida submersa.

Esse cataclismo foi tão violento, que somente 5 000 anos depois foram iniciadas novas civilizações (Suméria, Etiópia, Babilônia e Egito).

Capítulo 2 - OVNIs ENTRE OS POVOS DA ANTIGÜIDADE

Aparentemente, o novo surto de civilização começa por volta de 5 000 a.C., com a fundação da Etiópia, Suméria e Babilônia. Da Etiópia, um grupo constitui o Egito.

Em todas essas civilizações, é constante o relato de Deuses vindo dos céus em veículos poderosos, trazendo ensinamentos e técnicas. As pirâmides datam de tal época, e seriam colossais bibliotecas para eternizar o conhecimento.

EVIDÊNCIAS

1 - VENTOSAS - marcas misteriosas de ventosas são encontradas em quase todos os países do mundo, admitindo-se que tenham sido feitas por essa época. Já foram catalogadas mais de 500. As marcas sugerem que uma grande ventosa, de 12 a 20 cm de diâmetro, agindo com espantosa pressão, ou elevadíssima temperatura marcou a pedra para sempre. Como se tais ventosas fossem parte de alguma poderosa máquina, capaz de levantar gigantescas pedras, como o bloco de granito esculpido e colocado de cabeça para baixo, em Sacsayhuaman, no Peru. Seu peso é de aproximadamente 20.000 toneladas!

2 - GILGAMÉS - Herói sumeriano, segundo as lendas contadas por placas de argila da biblioteca de Assurbanipal, rei assírio. No seu relato, Gilgamés cita que Enkidu foi arrebatado pelo rei do Sol. Ao ser levado pelas "garras" poderosas do rei do Sol, Enkidu sentiu seu corpo como que pesando igual ao chumbo". De alguma maneira, o escritor desse relato

sabia o efeito sobre o corpo humano no instante do lançamento de um foguete.

Mais adiante, Enkidu é levado pela águia de bronze e, ao olharem para baixo, repetiram textualmente o que somente no século XX pôde ser descrito pelos astronautas: "E a Terra parecia um mingau de farinha e o mar era como uma barrica d'água".

Atingindo seu destino Enkidu trava diálogo com uma "porta" antes de entrar. Finalmente, vem a morrer, suspeitando Gilgamés que tenha sido envenenado pelo alento do animal celeste (radiação?).

3 - EGÍPCIOS - Bastaria citar as pirâmides como produto de algum saber além da ciência dos egípcios. Segundo Alberto Tulh, ex-diretor da Divisão egípcia do Museu do Vaticano, há um fragmento da época de Tutmósis III, sobre a chegada de um bola de fogo, que exalava mau cheiro, vinda do céu. Tutmósis, que se considerava um deus, não teve medo e foi ao encontro dos visitantes que, logo em seguida, desapareceram na direção Sul.

Uma das estrelas que mais preocupava os egípcios era Sírio, por sinal, de pouca visibilidade no Egito. Um calendário exato, de 4.221 a.C., orientava-se pelo nascer da estrela Sírio, que de Mênfis só é visível de madrugada, no lusco-fusco da manhã, e apenas no início da enchente do Nilo (fazer um calendário exato com base no Sol e na Lua é muito mais fácil, que pelo nascimento de uma estrela pouco visível no local).

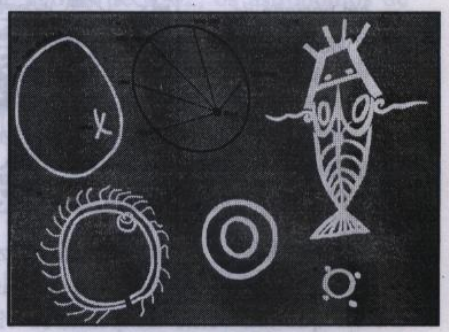
4 - DOGONS - Tribo africana da República do Mali, guardiã de fantástica tradição a respeito de Sírio. Sua mitologia descreve a chegada dos "nomos", seres que habitavam a estrela Sírio: "uma arca desceu no nordeste do país, emitindo sua palavra (som?) aos quatro cantos, como o eco de grandes blocos de rocha sendo atingidos... o pouso provocou um redemoinho, levantando nuvens de poeira. O impacto deixou o chão áspero".

Um simples relato religioso? Fantasia? Mas a realidade é que os *dogons* representam a estrela Sírio com uma companheira muito pesada. Tão pesada "que nem todas as criaturas da Terra poderiam levantá-la."

Essa Sírio B é invisível a olho nu e, só foi descoberta em 1862, por Alvan Clark, quando testava um novo telescópio.

Entretanto, sua órbita em torno de Sírio não era lógica, até Arthur Eddington, físico inglês, haver formulado a teoria das anãs brancas, estrelas que se tornam super densas (e pesadas!) no fim de suas vidas.

Os *dogons* sustentam que sabiam disso pelas informações dos "nomos" vindos de Sírio. E mais: seus desenhos representam Saturno com anéis e Júpiter com quatro satélites.



Desenhos dogons que revelam extraordinários conhecimentos em astronomia (dir.). Da esquerda para a direita, em cima, temos: a órbita de Sírio B em torno de Sírio; Sírio A muito semelhante a um diagrama astronômico moderno; uma espécie de arca que teria vindo do espaço, de onde veio também todo o conhecimento que detêm de astronomia. Em baixo, também da esquerda para a direita temos: Noções sobre o sistema solar; Saturno retratado com um anel; e Júpiter com os quatro satélites descobertos por Galileu no século XV.

5 - MAIAS E INCAS - Os seus antepassados, desde 1.500 a.C. tinham em comum um deus branco, Kukulkan, que vindo do céu em uma máquina voadora, ensinara aos iniciados a arte de voar. Em Palenque, no México, há uma pirâmide, cuja antecâmara tem a tumba de um sacerdote de Kukulkan. Sobre a laje que cobre o túmulo está o desenho de um maia pilotando uma máquina

voadora, à qual não faltam entradas de ar, mangueiras, instrumentos e ventoinhas. Há chamas na parte traseira, dotada de aletas direcionais. O provável "piloto" parece segurar alavancas de comando...

Desenho feito sobre a laje do túmulo de um sacerdote de Kukulkan, cujas formas indicam um astronauta em posição de vôo em sua nave.

6 - HEBREUS - Para o profeta Ezequiel, as visitas dos enviados de Deus eram descritas assim: "Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha ao norte, e uma nuvem, como um fogo a revolver-se; e um esplendor ao meio dela, e no meio uma coisa (o grifo é nosso) como de cor âmbar, (amarelo transparente), que saía dentre o fogo".

Tal estranha visão, ao voar, fazia o ruído de muitas águas... "um estrondo, como o estrépito de um exército" (Ez. 1: 24).

É fato inconteste que os hebreus possuíam um conhecimento secreto, talvez originário do Egito. O Deus de Israel habitava o cume Sinai, onde aconteciam "trovões e relâmpagos". "O parecer da Glória do Senhor era como um fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel" (Êxodo, 24: 17).

Para seguir os hebreus, mandou o Senhor que construíssem uma Arca da Aliança, que ficaria no interior do tabernáculo. Essa arca, reproduzida nos dias modernos por uma Universidade americana, revelou-se um poderoso acumulador. Sua construção está descrita na Bíblia, sabendo-se que produzia "fogo divino" capaz de matar. Dois filhos do Sacerdote Arão foram atingidos e tiveram morte instantânea (Levíticos, 10: 1, 2). Talvez não estivessem devidamente protegidos contra a descarga elétrica. Por isso, Deus instrui o próprio Arão em como se vestir, com ceroulas e túnicas de linho, "vestidos santos", para poder entrar no santuário.

Por medida de precaução, quando a arca era carregada pelos sacerdotes na viagem rumo à Terra Prometida, recomendava-se ao povo ficar a, pelo menos, um quilômetro de distância (Josué 3: 4). E os sacerdotes eram proibidos de pisar a água (Josué 3: 8).

Em outra ocasião, quando a arca era carregada em um carro puxado por bois, houve um momento em que ela balançou, prestes a cair. Um dos soldados, amigo de Davi (provavelmente vestindo uma armadura metálica), segurou a arca para evitar que ela caísse. "Então a ira do Senhor se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali por esta imprudência; e morreu ali junto à arca de Deus" (II Samuel 6: 7).

Capítulo 3 - OVNIs NA ERA DE PEIXES

Por alguma razão, os visitantes espaciais fizeram os últimos contatos no início da Era de Peixes (que se iniciou em 700 a.C. e terminará em 2 000 d. C.). A derradeira menção a presença de uma entidade poderosa, capaz de se manifestar através de um instrumento tecnologicamente avançado, foi com a Arca da Aliança dos hebreus. Contudo, essa arca teria sido capturada pelos assírios, na guerra contra os hebreus, por volta de 725 a. C..

Depois disso, somente há relatos de visões de luzes ou discos luminosos, sem o contato direto com os visitantes. A história romana possui milhares de referências a "clipei ardentis", escudos redondos e brilhantes, fenômenos comuns nos céus de Roma. Sobre eles, falam Plínio, o Velho, Sêneca e Tito

Sobre eles, falam Plínio, o Velho, Sêneca e Tito Lívio, historiadores insuspeitos. A partir da conversão de Roma ao Cristianismo, por volta de 313, consumada em 380 (quando o Cristianismo se torna a religião oficial do Estado Romano), todos os aparecimentos de objetos celestes são imputados a "demônios", sendo os relatos confusos e parciais.

EVIDÊNCIAS

Documentos de 956 falam em demônios aéreos, avistados nos céus da Europa. A primeira parte dos Capitulares do Imperador Carlos Magno fala que os "aéreos ficaram pesarosos por ver o povo alarmado contra eles e desceram à Terra em suas máquinas voadoras, levando consigo homens e mulheres para dissipar a má impressão que o povo deles tinha". Quando desciam, as pessoas eram queimadas como feiticeiras por fanáticos que tinham presenciado o vôo.

Sem dúvida, seria loucura dos visitantes tentar contato com os terrestres, estes cuidadosos em queimar na fogueira qualquer um com conhecimentos além dos limites permitidos pela Santa Madre Igreja.

No entanto, Leonardo da Vinci desafiou a Igreja Católica. Suas obras tinham de fundo paisagens que nada tinham a ver com o mundo terrestre. O artista ficava sumido por vários meses, e quando voltava dizia aos curiosos que tinha viajado a outros países em busca de novas técnicas. Na pintura renascentista abaixo, a imagem da Virgem Maria aparece tendo um OVNI ao fundo.

Pintura de Leonardo da Vinci, do período renascentista, que retrata a Virgem com uma espécie de nave ao fundo.

As crônicas da Idade Média eram férteis em histórias de barcos voadores, dos quais desciam seres pendurados em cordas... bem igual aos deuses maias, que desciam das naves celestes em teias de aranha!

Em 1619, um enorme e resplandecente objeto, alongado, foi visto voando sobre uma lagoa por Cristopher Schare, prefeito de Fluelen, Suíça.

Uma gravura de 1704 mostra habitantes de Devon olhando o desfile de objetos escuros, elípticos voando em formação de "V". Tinham escapes e aletas laterais.

Em 1731, em Florença, Itália, milhares de pessoas vêem globos de luz sobrevoando a cidade. O mesmo ocorre em Edinburgh, Escócia, em 1750.

A 9 de agosto de 1762, os astrônomos de Basiléia e Sole, Suíça, registram a passagem, diante do disco solar, de um grande objeto escuro, dotado de um anel de luz exterior. Em 7 de fevereiro de 1802, o astrônomo Fritsch, de Magdeburg, Alemanha, viu algo idêntico. No dia 10, o fenômeno se repete.

É tal o número de objetos voadores não identificados, no século XIX, que a sociedade Meteorológica da França, em 1853, admite a existência de tais engenhos voadores, embora se recuse a explicá-los.

Um dos últimos aparecimentos do Século XIX foi registrado em cartório pelo influente e rico fazendeiro Alexander Hamilton, em Le Roy, no Kansas. Suas palavras textuais, conforme Luiz Carlos Lisboa e Roberto Pereira de Andrade:

"Na noite do último domingo, aproximadamente às 10: 30 horas, fomos acordados pelo grande ruído que fazia o gado. Levantei-me acreditando que meu cão buldogue estava assustando os bois, mas ao chegar à porta vi estupefato que uma espécie de dirigível estava descendo rapidamente sobre a manada, a uma distância de mais ou menos 200 metros da casa. Chamando meu capataz Gid Heslip e meu filho Wall, apanhamos alguns

machados e corremos para o curral. Neste meio tempo o veículo havia descido até ficar parado mais ou menos a 4 metros acima do solo e assim pudemos chegar bem perto dele. Consistia numa forma acharutada, com mais ou menos 100 metros de comprimento, com uma espécie de barquinha inferior. Essa barquinha era feita de vidro ou outra coisa transparente e nela havia, de espaço em espaço, reforços de metal brilhante. Essa barquinha brilhantemente iluminada por dentro, onde se podiam ver todos os detalhes, estava ocupada por seis tipos humanos, os mais estranhos que jamais tínhamos visto. Estavam conversando, mas não podíamos ouvir de fora o que diziam.

"Todo o resto do barco, que não era transparente, tinha uma coloração vermelho-escura. Ficamos mudos de espanto e medo. Então algo atraiu a sua atenção e eles se voltaram em nossa direção, iluminando-nos com uma espécie de farol. Depois de nos observar, acionaram alguma forma desconhecida de motor e uma grande roda de turbina, de aproximadamente 10 metros de diâmetro, que estava girando lentamente sob o navio, começou a zumbir velozmente e ele se elevou tão leve como pássaro. A uma altura de mais ou menos 70 metros parou de subir e ficou sobre uma rês, de dois anos e meio, que mugia e esperneava, aparentemente presa à cerca. Com uma espécie de corda vermelha eles a laçaram e içaram para bordo, afastando-se depois sem que pudéssemos fazer qualquer coisa.

"Voltamos para casa, mas eu estava tão amedrontado que não consegui dormir, No dia seguinte selei o cavalo e saí à procura da rês, sempre na esperança de encontrá-la algures. Não consegui encontrá-la, mas, voltando para casa de tarde, estava à minha espera o Sr. Link Thomas, que encontrara os quartos, as pernas e a cabeça da vitela caídos em suas terras, situadas a 4 milhas de Le Roy. A princípio ele acreditava ter alguma fera matado o animal, mas não havia sinal algum no terreno fofo onde estavam seus restos. Toda vez que durmo vejo em sonho o navio aéreo, os seres estranhos e a luz brilhante. Não sei se eram anjos, ou demônios, mas nós os vimos de perto e minha família observou de longe; e não sabemos explicá-lo."

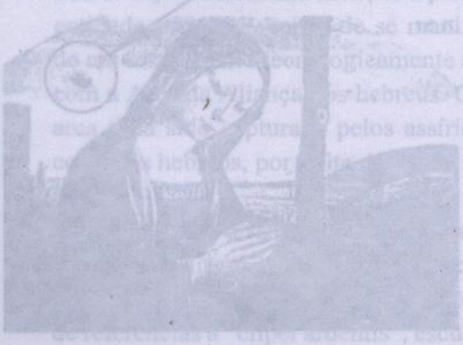
COMENTÁRIO

O nome disco voador foi cunhado em 1947, a partir do dia 24, quando o piloto particular Kenneth Arnold, sobrevoando a Serra das Cascatas, nas Montanhas Rochosas, viu uma fila de enormes objetos discóides, brilhantes, desfilando entre os picos com incrível velocidade. Disse aos repórteres que avistara "Flying saucers" (pires voadores). A partir daí o nome pegou, sendo usado para designar qualquer OVNI.

Durante a primeira Guerra mundial foram relacionados vários avistamentos. Na Segunda Guerra, luzes acompanharam os aviões de caça dos aliados e dos alemães e japoneses. Cada um pensava tratar-se de uma arma secreta do inimigo.

Desnecessário citar demais relatos, dos quais existem centenas de obras por todo o mundo, com fotos devidamente autenticadas. A existência dos OVNIs é incontestável, embora ainda se desconheça a sua origem e finalidade.

Para tentar uma aproximação da verdade, a parte seguinte busca uma cronologia nas aparições e no seu desenvolvimento tecnológico até os dias de hoje.



PARTE II

CRONOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DOS OVNIs

A) 11 000 a. C.

Os primeiros relatos falam de verdadeiros navios aéreos, que descem soltando fogo e com ruído ensurdecedor. Do interior desses navios, uma vez pousados, há máquinas voadoras menores, barulhentas, que apenas se locomovem na atmosfera terrestre.

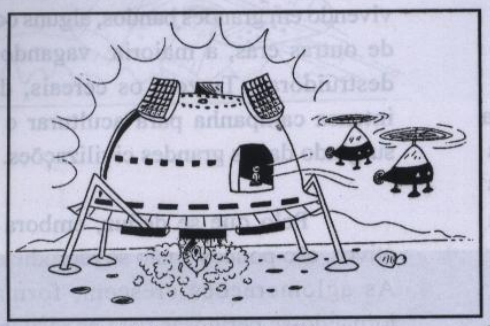


Ilustração de uma nave-mãe, capaz de transpor as regiões estelares, com suas cápsulas menores de exploração limitadas a vôos nas proximidades. Comparando-se nos dias de hoje seria, simultaneamente, nossos foguetes e helicópteros.

Nave exploradora e objetos menores. O documento Samarangana Sutradhara, classificado pelos indianos de "manusa" (estritamente verídico) diz textualmente: "alguns *vimanas* fechados podiam subir às regiões solares e até às regiões estelares". Incrível como os historiadores de milhares de anos atrás sabiam que, para ir além de determinada altura, os veículos espaciais têm de ser fechados (pressurizados)! Conta o mesmo texto que os deuses ensinavam e fabricavam variados tipos de *vimanas*, todos, porém, barulhentos e movidos a algum tipo de reação.

A obra ***"Estâncias de Dizan"***, de 3. 000 anos de idade, relata fatos ocorridos 10. 000 a.C., em um acampamento de entes celestes, vindos em um barco de metal, que antes de pousar circulou (!) várias vezes a Terra. Surgiram rixas entre o grupo e uma parte separou-se, indo instalar-se em outra cidade.

As divergências aumentaram e o chefe do grupo atacou e destruiu a cidade dos dissidentes com uma bomba atômica (veja na página 6).

Como se vê, havia mísseis que voavam com o rugido de um trovão... Por todas as descrições, fica patente que os visitantes espaciais, em 11 000 a. C., possuíam tecnologia semelhante à nossa dos anos 1940 a 1970: barcos aéreos, veículos leves, mísseis, bombas atômicas, e "lanças de trovão", ou rifles de alto poder de fogo.

Essa primeira chegada foi cautelosa, usavam roupas espaciais, a atmosfera terrestre ainda lhes causava epidemias e doenças.

Desenho encontrado em Tassili, Saara, demonstrando, nitidamente, um ser com vestes semelhantes as que são usadas por nossos astronautas.

B) 10 000 a.C

Um cometa se aproximava. Sua passagem muito perto, ou até um choque provocaria alterações fundamentais. Os viajantes deixam o planeta em busca de proteção.

*Ilustração dos **visitantes** deixando a Terra na iminênica da catástrofe.*

A catástrofe cobriu o céu de poeira. Milhares de vulcões entraram em atividade. Continentes afundaram, outras partes se elevaram. No alto dos Andes, a mais de 3 000 metros, em um planalto que teria sido uma planície ao nível do mar, encontraram-se esqueletos de bisões em quantidade. Com a súbita elevação da terra, morreram quase de imediato em virtude do ar rarefeito.

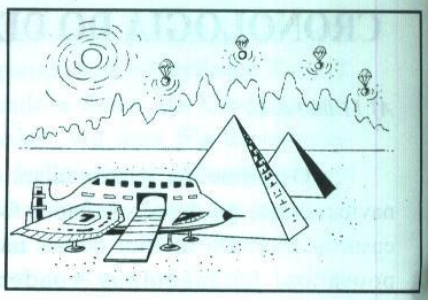
Na Sibéria, bisões intactos, ainda com capim na boca, foram achados debaixo da neve! Comiam tranqüilamente quando a alteração no eixo terrestre produziu uma súbita e mortal nevasca que os soterrou para sempre.

C) 5 000 a 700 a. C.

Novas expedições chegam na Terra, agora já recuperada. Visitam os etíopes (vide relato dos dogons neste livro), chegando em ônibus espaciais que produzem rugidos e queimam a terra. Também se utilizam de cápsulas (os ovos dos maias e incas, que nesse tempo habitavam ruínas de 10 000 a. C.), para fazer contato, dar conhecimentos e preparar campos de pouso para modernos aviões a jato (o campo de NAZCA, no Peru, teria sido um aeroporto). Também dispõem de veículos menores, de exploração, semelhantes a helicópteros a jato, com os quais atingiam os pontos mais distantes e inacessíveis do planeta. Exceção para os Andes, onde a grande altitude desautoriza o uso de helicópteros, daí a necessidade de um aeroporto para aviões comuns.

Marcas entalhadas no solo da planície de Nazca, com marcações semelhantes as dos aeroportos faz-nos supor que ali era uma pista de pouso, e que as marcações eram utilizadas para guiar o piloto.

Ao retornar, os visitantes teriam evoluído a ponto de pousar um ônibus espacial na África, com aviões menores que lançariam paraquedistas em cápsulas, nos Andes, os quais construiriam campos de pouso.



Os visitantes encontram os terráqueos vivendo em grandes bandos, alguns ocupando ruínas de outras eras, a maioria vagando como hordas destruidoras. Trazem os cereais, desenvolvendo intensa campanha para aculturar e fixar o povo, surgindo daí as grandes civilizações.

Pelo que se deduz, embora extremamente ativos, são poucos e não se reproduzem facilmente. As aglomerações crescem, formam impérios, tornando-se perigosas para os visitantes. O homem subdivide-se em religiões, travando guerras monumentais por interesses financeiros. Depois da última tentativa de criar uma colônia diferenciada, com os hebreus, os visitantes preferem manter uma distância prudente. Os últimos contatos diretos com um povo são as descrições, na Bíblia, dos fantásticos veículos voadores e das armas de dissipação.

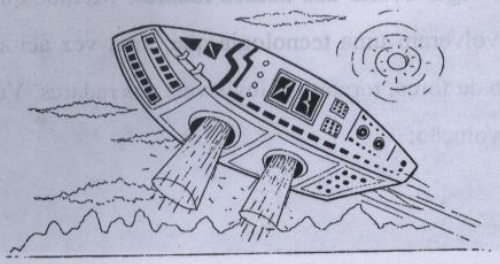
D) ERA CRISTÃ

Ao que tudo indica, os visitantes se afastaram do homem por duas razões principais:

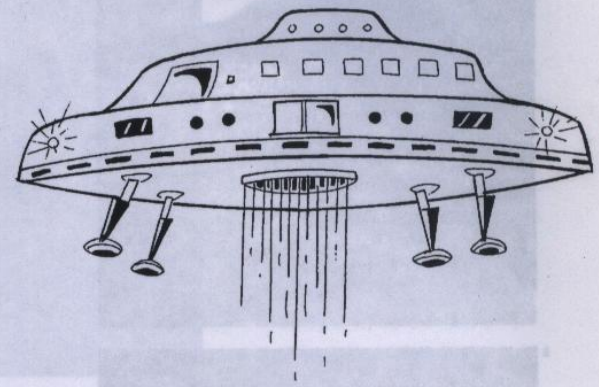
1) Sua mania de reverenciá-los como deuses;
2) Por medo de que sua tecnologia fosse usada nas guerras locais.

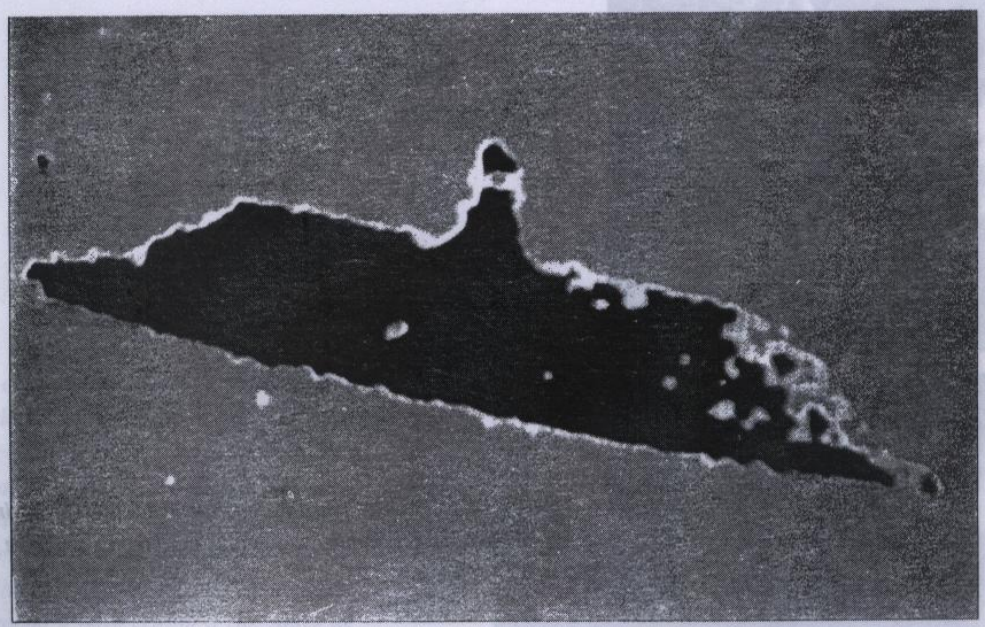
Tal situação se tornou ainda pior durante a Era Cristã, com o axioma de que o "diabo também se transfigura em luz" mostrando milagres a fim de perverter o homem. Assim, qualquer contato era visto pelos religiosos como uma aproximação do demônio, incitando-se o povo a apedrejá-los e queimá-los.

Foram mantidas apenas expedições observadoras, fartamente documentadas neste livro. Com a Revolução Industrial, o número de expedições dos visitantes aumentou consideravelmente. Por essa época, já os visitantes dispunham da tecnologia atômico-magnética, que lhes permitia rasgar o espaço em naves radioativas ou fazer expedições locais em veículos silenciosos.



Já no final do século XIX, a tecnologia dos OVNIs se mostrava bastante avançada (vide relato de Alexander Hamilton, na página 13).





Os primeiros OVNIs, cujas fotografias foram analisadas em computador, mostravam a forma acima, de aerodinâmica rudimentar para os padrões dos avistados atualmente.

A partir da 1ª Guerra Mundial, os OVNIs vão ficando mais sofisticados, de forma a evitarem nossos aviões. Depois da 2ª Guerra, as naves-mãe se tornam mais raras, ficando as expedições por conta de variados veículos. Tão avançados se tornam, que podem entrar e sair com facilidade da atmosfera terrestre, indo encontrar-se com as naves-mãe em algum lugar oculto aos nossos radares. Melhor que isso, desenvolveram uma tecnologia que, uma vez acionado o campo de força, tornam-se invisíveis aos radares. Vejamos esta evolução:

Seqüência de fotos que registram um OVNI em movimento. Tiradas em Namur, na Bélgica, no dia 5 de junho de 1955, às 19h30.

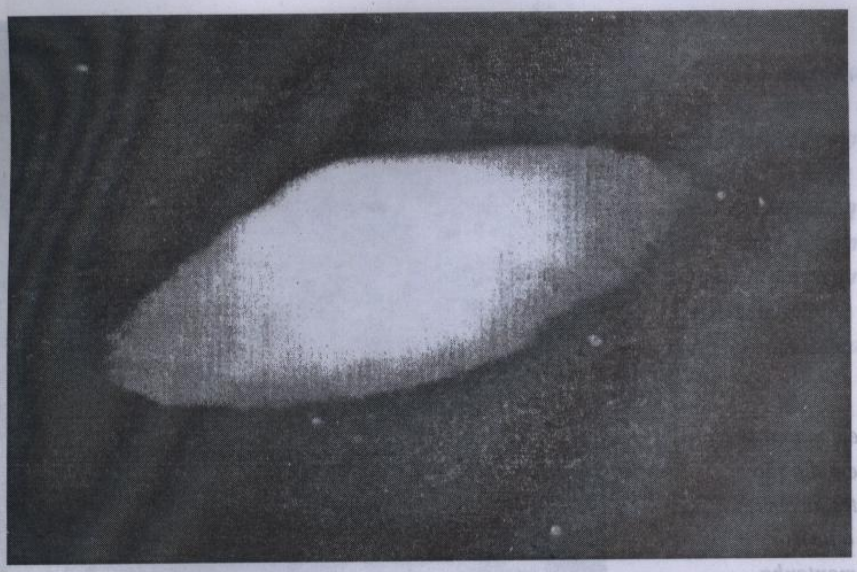
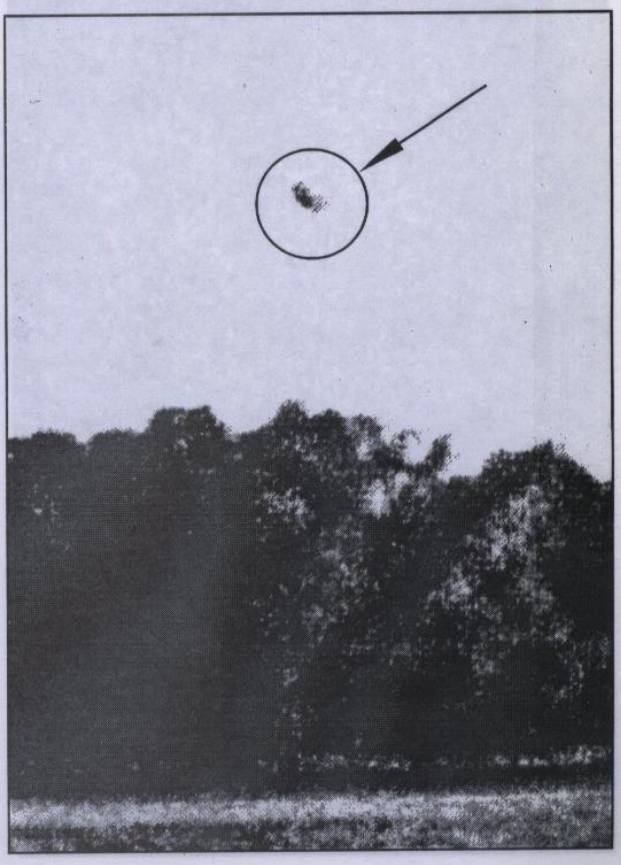
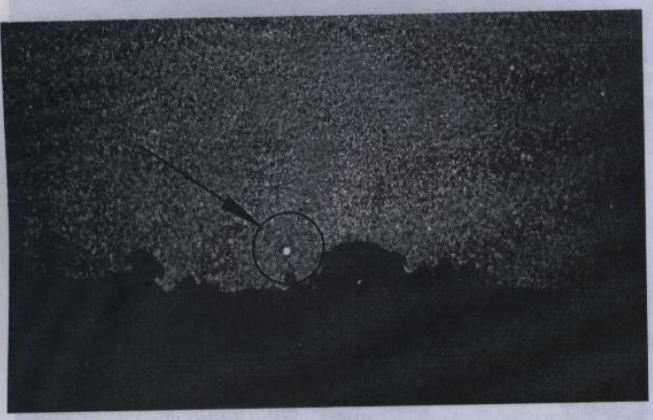


Foto obtida pelo xerife Strauch em Gibbon, Minnesota (EUA), no dia 21 de outubro de 1965. Os testes de autenticidade que foram feitos sugerem que a estranha coloração do céu indica que o objeto era vermelho.

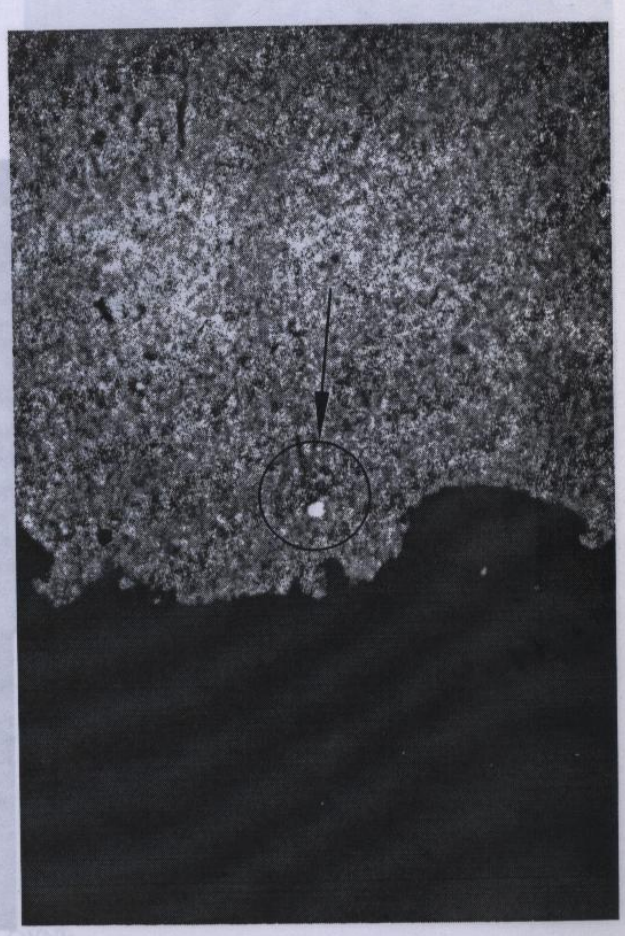


OVNI (dir.) avistado em Ipameri, Goiás, na tarde de 8 de maio de 1966. Fotografia tirada por James Pfeiffer, executivo de uma empresa aérea que desfrutava suas férias no local, quando avistou o objeto. Além de James, mais onze pessoas testemunharam o fato e todas afirmaram ter ouvido um som semelhante a um lamento, que diminuiu de tonalidade quando a nave cruzou o rio. Antes de desaparecer, o OVNI roçou a copa das árvores. A preocupação em encontrar provas para o acontecido levou várias pessoas até o local e, chegando lá, foram encontrados ramos quebrados e chamuscados como se tivessem sido submetidos a alta temperatura.

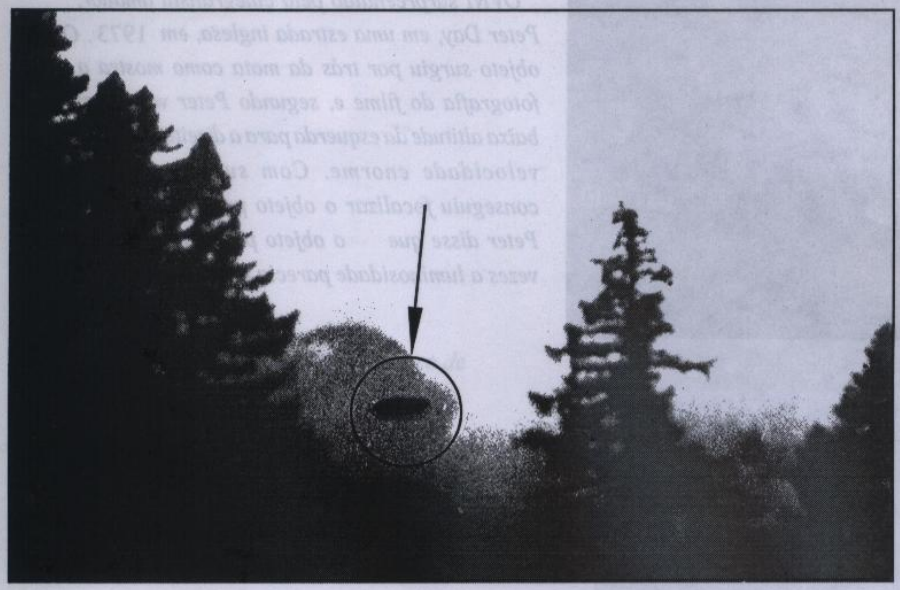
Fotografias tiradas à luz do dia, em março de 1967. Registros de OVNIs durante o dia são raríssimos de se encontrar. Estes foram registrados por acaso quando o turista Augusto Aranda fotografava na montanha de Yungay, no Peru.



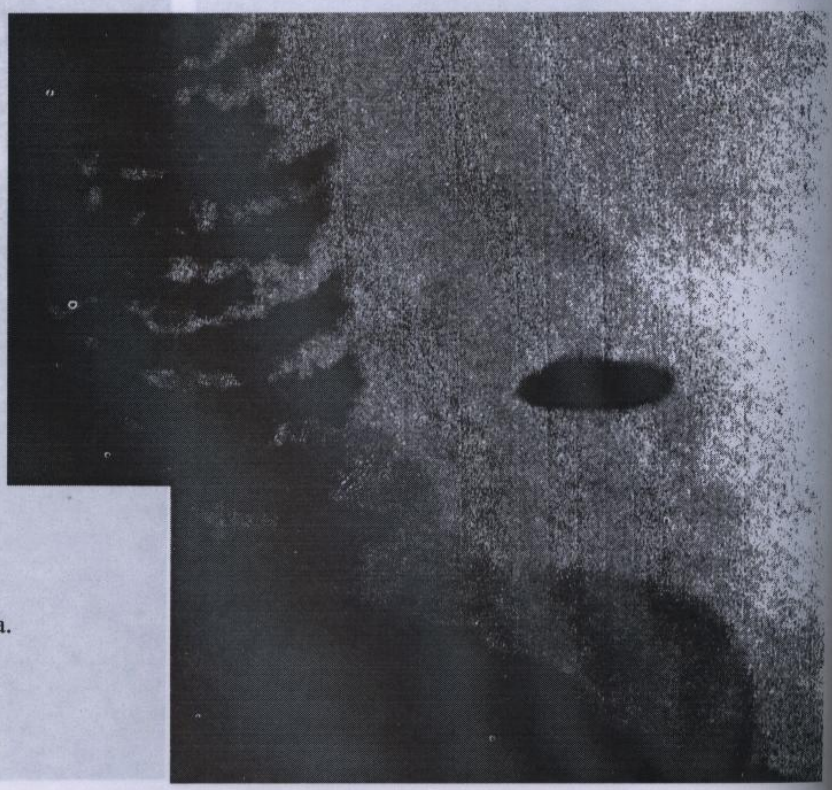
OVNI surpreendido pelo cinegrafista amador, Peter Day, em uma estrada inglesa, em 1973. O objeto surgiu por trás da mata como mostra a fotografia do filme e, segundo Peter voava em baixa altitude da esquerda para a direita com uma velocidade enorme. Com sua câmera ele conseguiu focalizar o objeto por 15 segundos. Peter disse que o objeto parecia pulsar, certas vezes a luminosidade parecia mais intensa.



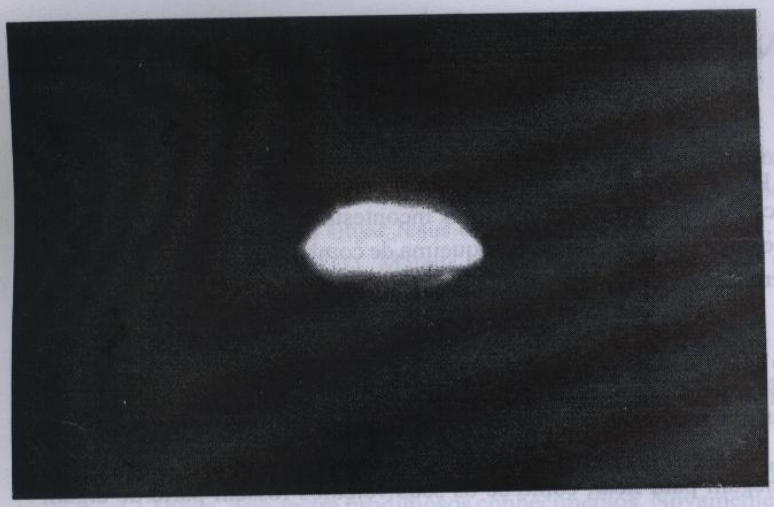
Ampliação da fotografia original obtida nos laboratórios da GSW por imagem digital, para tentar uma maior aproximação do objeto.



Fotografia de OVNI avistado por três pessoas perto de Saasfee, Suíça, no dia 26 de julho de 1975. As testemunhas disseram que havia muita neblina na montanha, mas isso não impediu que enxergassem o aspecto metálico fosco da nave, que vibrava suavemente.



Detalhe da foto acima.



Em 1977 o 1º COMAR (Primeiro Comando Aéreo Regional da Aeronáutica), sediado em Belém, no Pará, começou a investigar a natureza de misteriosos objetos voadores que vinham assustando os moradores na Amazônia.

Duas equipes de suboficiais da Força Aérea, com 6 homens cada, foram distribuídas em pontos estratégicos, munidas com todos os equipamentos necessários para registrar o fenômeno: câmeras fotográficas, filmadoras Super - 8, binóculos, radiotransmissores...

A missão denominada Operação Prato durou de outubro a dezembro, resultando na produção de um relatório de quase 500 páginas, contendo fotografias, mapas e desenhos. Um dos mais importantes registros foi obtido em dezembro em filme Super - 8. A foto acima é um fotograma ampliado do filme, que se encontra nos arquivos da FAB. Nota-se uma aerodinâmica mais evoluída.

Foto tida como verídica registrada por um casal que estudava cogumelos, nas montanhas Stolovaia, na Rússia. A nave tinha cerca de 7,5 m de altura e quase o mesmo de diâmetro; sua parte superior era feita com uma espécie de vidro cristalino, e a inferior de metal, com um trem de pouso e duas rampas de acesso. Além de conter sete jatos grades embaixo e quatro conjuntos de quatro jatos menores distribuídos em cruz, a nave tinha ainda, uma inscrição gravada: algo como uma lua crescente, com quatro raios indicando para o seu centro.

O casal a encontrou dois meses após os militares russos terem detectado sua presença nos radares, no dia 6 de março de 1983.

Obs.: *Todas as fotografias, acima e das páginas anteriores, foram analisadas pela GSW (Ground Saucer Watch) uma organização americana de estudos ufológicos, que possui sofisticadas técnicas produzindo um controle rigoroso das condições de avistamento, que revelam, entre outros, a hora em que a foto foi tirada, o tamanho do OVNI, a sua distância em relação à câmera, bem como a presença de fios ou estruturas que poderiam indicar eventuais fraudes.*

APÊNDICE - OVNIs NO NOVO TESTAMENTO

Uma corrente, de pouca credibilidade entre os ufólogos, levanta a possibilidade de Jesus ter sido gerado pela inseminação artificial de um extraterrestre. Interessante a polêmica, visto que os dois apóstolos, Mateus e Lucas, que tentam situar Jesus como descendente de David, divergem entre si (confrontar com Mateus 1: 6, com Lucas 3: 31). Mateus afirma que Jesus descende de Salomão, filho de David. Lucas garante que ele vem da linhagem de Natã, filho de David.

Dúvidas à parte, tal genealogia teria de ser referente a Maria, pois ela gerou Jesus ainda virgem (Mateus 1: 18). Infelizmente, o machismo hebreu fez com que os apóstolos o situassem na descendência de José...

O importante é que Jesus foi levado para o Egito, por orientação de um anjo a sua mãe. Uma vez de volta, com 12 anos, demonstra prodigiosos conhecimentos. Novamente desaparece, só retornando com mais ou menos 30 anos, para ser batizado por João e realizar seu primeiro milagre, transformando água em vinho.

Jesus fala por parábola, cita as "muitas moradas no céu", mas seria escorregar perigosamente a citação de trechos em separado, quando ele diz: "eu não sou deste mundo"(João, 8, :23). Interessante é notar que João Evangelista não transcreveu, no seu Evangelho, as profecias de Jesus sobre o fim dos tempos. Só foi fazê-lo uns quarenta anos depois, no Apocalipse, como se "estivesse presente"quando das revelações fantásticas. Sendo ele o "discípulo mui amado", teria acompanhado Jesus em algum contato com os "anjos" que revelaram os perigos que a humanidade viria a correr?

O que mexe com as mentes imaginosas é a descrição de João, recheada de tecnologia, para as visões celestiais. Ele diz que falava com ele uma voz, como de trombeta. Ao ser arrebatado, viu "um" assentado sobre o trono, que tinha a aparência semelhante à pedra jaspe e sardônica (quartzo opaco avermelhado). Do trono, saíam relâmpagos, trovões e vozes! Diante do trono, um como mar de vidro, semelhante ao cristal! (Apocalipse 4: 1 a 6).

Na seqüência, João relata grandes mudanças na Terra, com guerras dizimadoras, seguidas de terremotos violentos. Menciona, inclusive, a queda de uma estrela, que caiu "ardendo como uma tocha" e destruiu um terço da Terra (Apocalipse 8: 10). Um pouco antes, ele escreve que houve um grande tremor na Terra, que o céu retirou-se como um livro que se enrola, e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. Os homens se esconderam nas cavernas e rochas das montanhas... (Apocalipse, 6: 12 a 15). Curiosamente, quando tudo termina, há um novo céu e uma nova terra e o mar já não existe. Não seria esta a descrição de alguém que tivesse documentado a grande catástrofe, com a passagem ou queda de um cometa ou asteróide, que mudaria o eixo terrestre? Mares mudariam de local, montes seriam abalados, e o céu se mostraria diferente!

Para encerrar, ele vê descer a Nova Jerusalém, cujas dimensões fantásticas, 495 quilômetros, são iguais na largura, comprimento e altura. Um quadrado perfeito, ou um círculo, em que as medidas serão sempre iguais (Apocalipse, 21: 10 a 27). A cidade que descia do céu tinha portas laterais iguais a pérolas. Dotada de luz própria, guiará todas as nações e todos os reis da Terra. As folhas de uma árvore na cidade servirão para a saúde das nações (Apocalipse, 22: 2).

De verdade, João diz que a cidade está disposta em um quadrado. Não é estranho uma cidade ter quilômetros de comprimento e de largura, mas por que quilômetros de altura? É fantasioso afirmar-se que ele viu uma nave-mãe, com a "luz de um cristal resplandecente", mas tal descrição e dimensões jamais caberia em uma cidade, por mais altos que fossem os prédios.

Não é demais lembrar que João escreveu tudo isso aos 90 anos. Se hoje, pessoas mais jovens e conhecedoras da atual tecnologia, diante de um avistamento perdem a estrutura, criando até mundos virtuais, o que não ocorreria com um homem extremamente religioso, de idade avançada e de uma época tão distante, caso viesse a manter contato direto com visitantes em OVNIs?

Curiosamente, uma seita evangélica brasileira, ao ilustrar o fim do mundo para seus fiéis, mostrou Jesus chegando a bordo de uma vistosa espaçonave. Delírio? Ou a suposição de que o Novo Testamento ainda tem muito para ser descoberto?

Continuamos sobre o fio da navalha.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA SAGRADA. Imprensa Bíblica Brasileira, Rio de Janeiro, 1987.

LISBOA, Luiz Carlos e **ANDRADE, Roberto Pereira.** *Grandes Enigmas da Humanidade*. Editora Círculo do Livro, São Paulo, 1986.

BEVERESCO, A e **FENOGLIO, A.** *Os Mistérios do Antigo Egito* . Editora Tecnoprint, Rio de Janeiro, 1980.

DÄNIKEN, Erich Von . *Eram os Deuses Astronautas?* Editora Melhoramentos, São Paulo, 1968.

O LIVRO NEGRO DOS OVNIs. Edições Ibero-americanas Quórum, S. A. - Adaptação para a língua portuguesa: Editora Século Futuro Ltda.

Além de edições avulsas das revistas: **Ano Zero** e **Inexplicado.**